

Memórias: Jorge Luís Borges

14 de Junho, 2016 - 19:22h

No dia 14 de junho de 1986, morreu o argentino Jorge Luís Borges. Foi um dos escritores mais importantes do século XX e procedia de uma família que contribuiu para a independência da Argentina. Borges foi um crítico literário, tradutor e ensaísta. Por António José André.

Nascido em Buenos Aires, a 24 de agosto de 1899, Jorge Luís Borges cresceu no bairro Palermo. Aprendeu a ler inglês com a avó Fanny Haslam. Com 10 anos publicou uma tradução para castelhano de "O Príncipe Feliz", de Oscar Wilde.

Quando começou a I Guerra Mundial, Borges estava com a família, em Genebra (Suíça). Nessa altura devorava obras francesas, desde os clássicos (Voltaire ou Victor Hugo) aos simbolistas, até ao expressionismo alemão.

Em 1918, a família passou a morar em Espanha. Primeiro em Barcelona e depois em Maiorca, onde publicou os seus primeiros versos, exaltando a Revolução Bolchevique sob o título, "Somos Vermelhos".

Em 1921, regressou a Buenos Aires, fundando com outros jovens a revista "Prismas" e depois a "Proa". O seu primeiro livro de poemas foi "Fervor de Buenos Aires" (1923). Publicou "Luna de Frente" (1925) e "Cuaderno San Martín" (1928).

Borges publicou "Evaristo Carriego" (1930), a "Discusión" (1932) e "História Universal da Infâmia" (1935). Nessa década, a sua fama cresceu na Argentina. Porém, a sua consagração internacional chegaria muito depois.

Borges fez crítica literária e traduziu obras de Virginia Woolf, Henri Michaux e William Faulkner. Em 1938, teve um grave acidente por causa da falta de visão. A partir daí, teve que se resignar a ditar os seus contos fantásticos.

Em 1945, instaurou-se o peronismo na Argentina. Por ter assinado manifestos antiperonistas, o governo demitiu Borges de bibliotecário e nomeou-o inspetor das aves e coelhos dos mercados.

Renunciou ao cargo e passou a ganhar a vida como conferencista. Mostrou-se um forte opositor do regime peronista e, nessa época, publicou "O Aleph" (1949). Borges continuou a publicar antologias de contos e volumes de ensaios até à queda do peronismo.

Em 1955, o novo governo argentino nomeou-o, devido ao seu grande prestígio literário, diretor da Biblioteca Nacional e também foi eleito para a Academia Argentina de Letras.

Borges saudou a queda de Estela Peron, em 1976, e a ascensão da Junta Militar. Arrependeu-se depois, quando entrevistou o ditador e quis saber do paradeiro de intelectuais desaparecidos.

Mas o mal estava feito. Ganhou fortes inimizades na Europa e o sueco Artur Ludkvist afirmou que Borges nunca receberia o Prémio Nobel. O Prémio Cervantes compensou em parte o facto de nunca ter recebido o Nobel.

Jorge Luís Borges foi o escritor argentino com maior projeção internacional. Criou uma visão bastante singular, baseada num modo de entender conceitos como os do tempo, espaço, destino ou realidade.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/memorias-jorge-luis-borges/43237>